

*Ela protegeu fervorosamente
a sua reputação, mas uma aposta
ousada determinará o seu destino.*

Elloisa James

MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS
EM TODO O
MUNDO

Uma ÚLTIMA
AVENTURA

TOP
SEL
LER

Este livro é dedicado ao meu maravilhoso amigo,
o fantástico escritor Damon Suede. Uma boa parte dele
foi escrito às cinco da manhã em impulsos de escrita
de 25 minutos, seguidos de sessões de queixas no
Google Hangouts — para começar tudo de novo. E de novo.
Uma parte da alegria natural do Damon conseguiu
infiltrar-se nestas páginas.

Capítulo 1

Seminário da Menina Stevenson para Jovens Damas

Queen Square, Londres

14 de setembro de 1776

Quando fez 14 anos, havia já muitas semanas que, ao ver surgir a primeira estrela no céu, Lady Boadicea Wilde exprimia o desejo de arranjar uma melhor amiga. Criara uma pedra dos desejos que mergulhava em leite sob o luar da meia-noite. Não tendo resultado, concluíra que talvez as fadas preferissem bebidas de adultos, por isso invadira o escritório do pai e mergulhara a pedra num decantador de brandy. Escrevera o desejo num papel, que depois queimara na lareira do quarto das crianças, para que voasse até ao céu.

Infelizmente, esquecera-se de abrir o tubo da chaminé, e o quarto das crianças encher-se de fumo. Como castigo, ficara confinada à cama, de onde observava a irmã mais nova, Joan, e a filha da madrasta, Viola, aninhadas no sofá a sussurrar segredinhos.

Era tudo culpa do pai.

As filhas de duques, sobretudo as que viviam em castelos enormes, não tinham perspetivas de encontrar amigas. Ficavam presas no campo como violetas envasadas, aguardando o momento de desfilarem diante do mundo para rapidamente serem casadas.

Pelo que Betsy percebia, o pai era o melhor amigo da madrasta. Só uma rapariga que tivesse oito irmãos poderia compreender a repugnância de Betsy ao pensar nisso.

Ser amiga de um *rapaz*.

Nunca.

Os rapazes cheiravam mal e gritavam. Não se coíbiavam de atirar água por cima da cabeça de alguém, de puxarem cabelos e de exibirem as suas flatulências.

Que hipóteses teria um rapaz de compreender como ela se sentia acerca da vida? Ela ansiava por uma alma gémea, uma rapariga que se identificasse com a injustiça de ser obrigada a montar de lado na sela e de não ter permissão para disparar com arco e flecha sobre o dorso de um cavalo.

Alguns anos antes, quando os seus irmãos Alaric e Parth anunciaram o desejo de visitar a China, os olhos do pai haviam-se iluminado, e uma refeição completa fora passada a falar de escunas de três mastros e plantações de chá nas montanhas. Era verdade que o duque proibira a viagem até os rapazes serem mais velhos, mas rira-se ao descobrir que eles tinham partido na mesma.

E se fosse *ela* a fugir numa viagem marítima? A ideia era inconcebível.

Se a sua pedra dos desejos tivesse funcionado, ela estaria a viver num sítio onde as raparigas podiam vestir calças e viajar para onde quisessem.

Deitada na cama após a sua festa dos 14 anos — à qual tinham assistido cinco irmãos, visto que Viola e Joan estavam a recuperar da varicela —, Betsy percebeu que, se queria uma amiga, tinha de ser ela a tratar do assunto. Desejara uma amiga antes de soprar as velas do bolo, mas, no seu íntimo, já não tinha fé.

A magia revelara-se ineficaz, se não mesmo irrelevante.

Contudo, há várias maneiras de esfolar uma cabra, como dizia o cocheiro da família. Foram três meses de persuasão, súplicas

e autênticas birras, mas finalmente Betsy, Joan e Viola foram levadas para o melhor colégio interno de Inglaterra, um estabelecimento gerido pela menina Stevenson, que usufruía da distinção de ser filha de um visconde.

Enquanto entravam no imponente edifício, Betsy esforçava-se por manter um comportamento senhoril. Não conseguia dissimular o sorriso tonto que lhe curvava os lábios. Quando uma criada veio para a acompanhar à ala das raparigas mais velhas, deu um abraço de despedida ao pai e à madраста, e quase avançou a dançar através da porta, deixando-os a limpar as lágrimas de Viola.

Viola era tímida e tinha medo de viver longe de casa, mas o coração de Betsy, ao ouvir gargalhadas de meninas atrás de uma porta fechada, inchou de pura alegria. Estava finalmente — finalmente! — onde devia estar.

— A menina vai partilhar um salão com a Lady Octavia Taymor e a menina Clementine Clarke — disse a criada que a acompanhava. — Cada uma de vocês tem o seu próprio quarto, claro, e a vossa criada ajudar-vos-á de manhã e à noite. Conhecerá a Lady Octavia e a menina Clarke durante o chá.

O coração de Betsy batia tão depressa que até ficou ligeiramente nauseada. Clementine era um nome tão bonito... e Octavius não tinha sido um general? Octavia tinha o nome de um guerreiro, exatamente como ela!

O salão parecia uma versão mais pequena dos que havia em Lindow, decorado com bom gosto, com um tapete de seda e cortinados de veludo rosado. Em frente da lareira, estava posta uma mesa com um serviço de chá em prata.

Os olhos de Betsy voaram imediatamente para as duas raparigas que se levantavam. Dirigiu-se a elas. Clementine tinha cabelos loiros e um beicinho que parecia um botão de rosa; Octavia tinha sobrancelhas baixas e espessas, e um rosto magro.

— O seu nome é tão bonito — disse Betsy a Clementine depois de a criada sair.

— Gostava de poder dizer o mesmo do seu — retorquiu a rapariga, sentando-se com um sorrisinho, como se estivesse a brincar.

Betsy pestanejou.

— Sem dúvida que Boadicea é invulgar — apressou-se ela a dizer. — Prefiro Betsy.

Clementine franziu o nariz.

— Tivemos uma criada lá em casa que se chamava Betsy. A minha mãe mudou-lhe o nome para Perkins.

Betsy não sabia o que dizer.

— Percebo — foi o que lhe saiu, com uma voz monótona e estranha.

— Por favor, não se quer sentar, Lady Betsy? — perguntou Octavia, apontando para uma cadeira.

Betsy sentou-se.

— Já está há muito tempo no seminário, Lady Octavia? — perguntou.

— Eu e a Clementine temos sido as únicas internas na *suite* desde... — começou Octavia.

— Tenho muita esperança de que a minha mãe me venha buscar dentro de uma semana — interrompeu Clementine.

— Percebo — repetiu Betsy, esforçando-se por manter um tom cordial. Era ridículo sentir-se trémula e um pouco assustada. Não fora assim que imaginara o seu primeiro encontro com possíveis amigas, mas Clementine era apenas uma pessoa, e havia uma escola cheia de raparigas para conhecer.

— Percebe? — perguntou Clementine.

— É boa a matemática? — perguntou Octavia, num tom bastante desesperado.

— Não, não sou — respondeu Betsy. — Lamento que parta, menina Clarke. A *suite* é muito pequena para as três?

Clementine riu desdenhosamente.

— As refeições aqui são incrivelmente boas — comentou Octavia, elevando a voz.

— A minha mãe viajará do campo para me vir buscar assim que souber da sua chegada — disse Clementine, ignorando Octavia. — Enviei-lhe uma mensagem ontem.

Betsy teve a terrível sensação de que, sem saber como, entrara num pesadelo. Respirou fundo.

— Porque é tão indelicada, menina Clarke?

Clementine cerrou os lábios, ainda mais do que a natureza lhos cerrara, e depois abriu-os apenas o suficiente para falar.

— Ninguém pode culpar uma criança pela natureza lasciva da mãe, mas teria sido melhor se Sua Graça tivesse pensado como seria desagradável para as jovens bem-nascidas partilharem um aposento com alguém que...

— Que...? — incentivou Betsy.

— Que pode muito bem ter herdado as inclinações pecaminosas da mãe — disse Clementine, com os olhos a brilharem como mirtilos.

Betsy fitou-a com horror. Claro que Clementine sabia que a segunda duquesa do duque — a sua mãe — fugira com um conde prussiano quando Betsy era bebé. Mas nunca ninguém se referira à sua mãe de forma tão humilhante, nem insinuara que ela, Betsy, teria herdado uma inclinação para a devassidão.

— Clementine! — protestou Octavia. — Estás a ser terrivelmente mal-educada!

Clementine virou-se para ela.

— Estou só a repetir o que os cientistas já provaram, Octavia. Atributos fortes são sempre herdados, por isso se criam cavalos para as corridas. Podes chamar-lhe destino; na verdade, é ciência.

— Não acredito nisso — retorquiu Octavia firmemente.

North, um dos irmãos de Betsy, era fascinado pela criação de cavalos, e quase todas as noites lhe dava grandes explicações sobre as características que os destacavam nos estábulos ducais. Betsy sabia, melhor do que a maioria das senhoras, que traços eram verdadeiramente herdados.

Um estranho formigueiro percorreu-lhe o corpo, como se uma parede se tivesse aberto, revelando algo de assustador por trás, algo que ela nunca imaginara. A sua tia Knowe nunca permitia que os filhos da segunda duquesa se tornassem amargos pela ausência da mãe.

«A tua mãe não nasceu para casar com o teu pai», dizia muitas vezes a tia Knowe. «Felizmente que o reconheceu, pois isso permitiu ao duque encontrar a Ophelia.»

Segundo se contava na família, ainda a tinta do decreto de divórcio não tinha secado e já a tia Knowe mandara o irmão para Londres em busca da terceira duquesa. Visto que Betsy adorava o seu querido pai, a sua amorosa madrasta e até aqueles irmãos irritantes, nunca pensara demasiado no assunto. Contudo, parecia que outras pessoas — *toda* a alta sociedade, como afirmava estridentemente Clementine — dedicara muito tempo a pensar nas circunstâncias da sua mãe.

— Não precisas de ser rude — disse Octavia.

— É o que toda a gente pensa — retorquiu Clementine, desviando o olhar para Betsy, com o nariz franzido como se esta fosse um pedaço de carne de carneiro estragada.

— Está a dizer que todas as meninas desta escola pensarão que sou lasciva porque a minha mãe foi infiel? — perguntou Betsy, tentando entender o alcance das palavras de Clementine.

Octavia ficou escarlate e cerrou os lábios.

— Pensarão? — retorquiu Clementine. — *Pensam*, assim como todas as pessoas importantes.

Betsy tentou não ouvir o eco da sua respiração áspera. O pai era importante, mas devia desconhecer este facto; caso contrário, nunca a teria deixado no covil de uma leoa.

Quase saltou da cadeira e correu em direção à porta. Talvez a carruagem ducal ainda estivesse parada à entrada. Ou talvez a menina Stevenson pudesse mandar um rapaz à casa na cidade e eles voltassem para a levar, assim como às suas irmãs, daquele sítio.

— Toda a gente diz que a segunda duquesa nunca foi, digamos assim, pura — disse Clementine. — A sua mãe deu um filho ao duque... embora a minha mãe diga que a sua linhagem é questionável... e já estava ligada ao prussiano muito antes do seu nascimento.

— O meu irmão Leo não é ilegítimo — disse Betsy, a sua voz rouca de incredulidade e horror. — E eu também não!

Com uma mãe adúltera ou não, Betsy vinha de uma longa linhagem de duques, e recebera o nome de uma guerreira. Ouvira Clementine até não aguentar mais. Depois pôs-se de pé.

— A menina é completamente desprezível — disse, controlando o mau génio como a tia Knowe lhe ensinara. — Mesquinha e preconceituosa. Não irei partilhar uma *suite* consigo.

Clementine riu estridentemente.

— E devia ficar grata se a pusessem a dormir no sótão! Não passa de uma bastarda, que terá muita sorte se casar com um fidalguinho rural. Seria um milagre conseguir um marido de linhagem.

Betsy pegou num copo de água do tabuleiro do chá e atirou-o à cara de Clementine.

— Sou filha de um duque — afirmou ela, desfrutando da forma como os caracóis definidos murcharam sobre os ombros da rapariga, como algas amarelas. — Nunca ouvi falar da sua família. Clarke? — Curvou o lábio e disse a primeira coisa

conscientemente malévola de toda a sua vida. — Suponho que teve um antepassado que era escriturário? Que divertido conhecê-la.

Soluçando sonoramente, Clementine fugiu porta fora.

— Também me vai atirar água? — perguntou Octavia, de olhos arregalados.

— Se disser alguma coisa desagradável acerca da minha mãe, despejo-lhe o jarro de água na cabeça — retorquiu Betsy. — A meio da noite. Estou bem treinada na arte da guerra.

— Não direi uma palavra — apressou-se a dizer Octavia. — Não gosto de água fria.

Betsy fitou-a. O rosto de Octavia não era desagradável como o de Clementine.

— Peço perdão pela indelicadeza da Clementine — disse Octavia. Fitou os próprios dedos, retorcidos sobre o regaço, e olhou novamente para Betsy. — Ela é terrivelmente mal-humorada e acha que todos lhe são inferiores. Só me deixou partilhar estes aposentos com ela porque a menina Stevenson disse que, caso contrário, ela teria de abandonar a escola. Gosto do seu nome.

— Boadicea era uma rainha guerreira — explicou Betsy, tremendo um pouco.

Octavia mordeu o lábio.

— Vai precisar disso aqui — disse lentamente. — As meninas nem sempre são muito simpáticas.

Betsy sentou-se.

— Devíamos estar a estudar História, e essas coisas — explicou Octavia. — Mas, na verdade, tudo se centra no casamento. Por vezes, ao jantar, só se fala no número de pedidos que cada uma vai receber quando debutar. Os pais da Clementine têm três casas, mas isso não basta, claro.

— Ela receia não ter qualquer pretendente.

Octavia confirmou.

— Se estas raparigas pensam que não terei pretendentes — retorquiu Betsy —, irei provar-lhes que estão enganadas. — A sensação de mal-estar que tinha no estômago foi substituída por um impulso quente de fúria. — Terei mais propostas de casamento do que qualquer outra.

— Não duvido disso — disse Octavia, parecendo bastante impressionada.

Boadicea estivera surpreendentemente perto de vencer a sua rebelião contra os invasores romanos, segundo o especialista em História Militar que o duque contratara para ensinar todos os seus filhos, incluindo as raparigas.

Em junho, três anos mais tarde, quando chegou o momento de Betsy debutar...

Ela *venceu*.

Chegou, viu e conquistou.

Veni, vidi, vici, para citar outro guerreiro, César.

Chegado o mês de outubro de 1780, Betsy recebera — e recusara — propostas de casamento, na presença e na ausência de dama de companhia, no escritório do pai, num pavilhão de jardim, numa reentrância da Catedral de Westminster.

Rejeitara quatro pares do reino e catorze cavalheiros sem título, o que dizia muito acerca da escassez de títulos ingleses, ou sobre os padrões relativamente flexíveis da pequena nobreza, comparados com os da aristocracia.

O melhor partido de todos — um futuro duque — esquivara-se-lhe até agora, mas tinha a sensação de que essa falha estava prestes a ser corrigida.

Estava imóvel no meio do salão onde decorria um baile de máscaras no castelo de Lindow, durante as celebrações do casamento

do seu irmão North, quando a sua tia Knowe surgiu de repente atrás dela.

— Ah, Betsy! Será que a minha querida sobrinha pode acompanhar o Lorde Greywick para ele ver a mesa de bilhar que acabou de chegar de Paris?

Betsy olhou para cima — e mais para cima. O futuro Duque de Eversley baixava o olhar para ela.

Ela dissera que ganhara a batalha?

As batalhas só se ganham quando o maior peixe de todos cai na nossa rede.

Sorriu.

Capítulo 2

Castelo de Lindow

Um Baile de Máscaras em Honra do Casamento de Lorde Roland Northbridge Wilde com a Menina Diana Belgrave

31 de outubro de 1780

Só um cavalheiro encontrara o caminho para a sala de bilhar a partir do salão de baile do castelo de Lindow: a maioria dos foliões estava demasiado ocupada a exhibir os seus encantos ou as suas máscaras para procurar uma sala que continha pouco mais do que uma mesa de jogo em nogueira e algumas poltronas.

Visto que o castelo era maior do que a maioria das guarnições militares, não se ouvia música no recanto onde Lorde Jeremy Roden — que deixara recentemente o serviço da Artilharia Real de Sua Majestade — se sentava com as pernas abertas e estendidas, e um copo de whisky na mão.

O que deixava a outra mão livre para, com irritação, ajeitar o halo sobre a cabeça.

Uma estrutura feita de arame rígido devia ser capaz de sustentar um aro coberto de lantejoulas e brilhantes, mas, neste caso, o arame não estava a cumprir a sua função, e a maldita coisa entortava para o lado como um marinheiro despreparado para uma licença em terra.

Lady Knowe decretara que todos os convidados sem máscara — o que incluía a maioria dos seus sobrinhos — usariam um halo, ou sofreriam as consequências. Como resultado da profusão de anjos barulhentos que pululavam no salão de baile, nenhum olhar curioso tinha notado que o seu halo estava preso a uma ligadura que lhe envolvia a cabeça.

Se ele fosse do género de sentir gratidão, estaria grato.

Caramba, ele *estava* grato.

Não lhe apetecia muito explicar que a ligadura escondia um ferimento de bala quase sarado — disparado pela mãe da noiva, ainda por cima. A pobre mulher fora internada num asilo, e a ferida estava quase boa.

Infelizmente, a ligadura estava a fazer um péssimo trabalho na manutenção do halo sobre a sua cabeça: dançar passara de cansativo a mortificante, com um aro mole a balançar junto da sua orelha.

Além disso, o simples facto de estar num salão de baile repleto de anjos fazia um homem pensar na guerra e nas suas infelizes inconveniências. Se ele tivesse morrido nas colónias americanas, teria um anjo sobrevoado o campo de batalha para levar a sua desventurada alma?

Era muito improvável.

Bebeu mais um gole de whisky, dizendo a si próprio que não era o único homem do recinto que não merecia o seu adorno santo.

Os Wildes haviam sido abençoados com beleza, espírito e brilho, mas de angélicos não tinham nada.

Não mais do que ele.

A culpa vibrou no vazio onde costumava estar a sua alma, e ele emborcou o líquido, tentando afastar os remorsos que se tinham tornado a sua companhia constante. O whisky queimou-lhe a garganta, embora (infelizmente) o cérebro continuasse lúcido e os seus dedos não exibissem o mais ligeiro tremor.

O álcool deixara de cumprir a sua função há muito tempo, mas acabara por se revelar um excelente escudo contra a alta sociedade. Voltou a pegar no copo, apreciando a forma como as últimas gotas lhe queimavam a língua. Talvez fosse melhor...

A porta abriu-se e ele ouviu um homem dizer:

— Primeiro as senhoras.

Jeremy arrastou a cadeira mais para trás no seu recanto escuro. Ninguém iria àquela sala para jogar bilhar; o mais provável era estar prestes a assistir da primeira fila a um encontro amoroso realizado na preciosa mesa de bilhar do duque. E quem era ele para lhes negar uma audiência?

Com o copo vazio, Jeremy preparava-se para pegar na garrafa quando a senhora em questão respondeu:

— As minhas saias ficaram presas na dobradiça, meu senhor; teria a gentileza de as libertar?

Jeremy recostou-se na cadeira, semicerrando os olhos.

Lady Boadicea Wilde.

A mais selvagem dos Wildes, a filha mais velha do duque, que curiosamente exigia que toda a gente lhe chamasse Betsy. Um nome ridículo para uma mulher que podia arrancar a rolha de uma garrafa com um tiro disparado de um cavalo a galope... pelo menos, era o que os irmãos dela diziam.

Do outro lado da porta, um restolhar de seda indicou-lhe que o seu acompanhante fazia o possível para a libertar. Ela devia ter-se esquecido de se virar de lado. As saias de Betsy eram mais amplas do que a maioria das portas, e as suas perucas eram sempre altíssimas. Naquela noite a peruca estava adornada com um halo que a tornava mais alta do que a maioria dos homens.

Esta última parte era intencional, pensou Jeremy. Ela gostava de ser mais alta do que os seus desprezíveis pretendentes.

Betsy era a única Wilde que Jeremy não tolerava. Infelizmente, dado que ela sofria de uma obsessão doentia pelo bilhar e esta sala

se tornara o refúgio dele, já a vira demasiadas vezes durante a sua estadia de dois meses no castelo de Lindow.

Que mulher tão audaz, a afastar-se tanto do salão de baile na companhia de um homem! Como uma autêntica Wilde, na verdade: excessivamente arrogante, mas de uma forma natural, como se simplesmente esperasse que os meros mortais se inclinassem perante o seu estatuto.

Ele apostaria uma montanha de moedas em como não vinham acompanhados de uma dama de companhia.

Ela não compreendia a forma como os homens pensavam acerca das mulheres. O «cavalheiro» que a acompanhava podia tencionar comprometer a sua reputação.

Ou pior.

O sangue rugiu através do seu corpo, com uma vaga de pura ira a ocupar o lugar da culpa, sua companheira habitual. Não era a primeira vez que Betsy lhe inspirava aquela reação. Junto dela, tendia a estar demasiado irritado para pensar no destino do seu pelotão.

Ele podia não ser realmente um Wilde, mas o irmão mais velho dela, North, era o melhor amigo que tinha no mundo. Protegeria a sua reputação e pessoa em nome de North.

Fletiu os dedos, vendo o tecido distender-se sobre o músculo invulgar que se salientava no seu braço. A primitiva solução de North para o mal-estar de Jeremy — para dar um título decente à sua existência lamentável — fora forçá-lo a andar a cavalo todos os dias. Por mais que tivesse bebido na noite anterior, North montava-o num corcel indomável. Consequentemente, tinha o dobro do músculo de três anos antes, quando ostentava uma elegante figura de oficial.

— Já está! — exclamou Betsy. — Oh, muito obrigada!

Ela nunca se mostrara tão efusiva e encantadora junto dele; tinham concordado, pouco depois de se conhecerem, que eram

como o azeite e a água, e que ela não lhe arrancaria nenhuma proposta de casamento por mais deliciosamente que sorrisse.

Ela murmurou mais alguma coisa e, de repente, ele percebeu que aquele encontro podia ter sido planeado por ela. Talvez um amante tivesse chegado de Londres com o grupo de convidados para o baile.

Cerrou os maxilares.

Nem pensar.

Boadicea Wilde não perderia a virtude durante a sua vigilância.
— As suas saias estão livres, Lady Boadicea.

Quem quer que ele fosse — a voz soava-lhe vagamente familiar —, o homem não era seu amante. Nem a conhecia o suficiente para saber que Betsy odiava o seu nome de batismo.

Espera.

Ele *conhecia* aquela voz. Tinham frequentado a escola juntos, numa outra vida.

Betsy entrou na sala. Do canto escuro onde Jeremy se encontrava, ela parecia brilhar sob a luz que pendia sobre a mesa de bilhar.

Era escandalosamente bela, como todos os Wildes: olhos grandes, dentes brancos, cabelo espesso. Havia raparigas bonitas por todo o lado, mas a sensualidade inconsciente de Betsy não tinha par. Ela amava a vida, e isso era visível.

Uns dias antes, um idiota qualquer descrevera-a como apurada e decente. Jeremy tivera dificuldade em não se rir.

Será que não viam quem ela realmente era?

Ela aumentou a luz por cima da mesa até iluminar uma extensão de lã verde imaculada, emoldurada por madeira brilhante.

Jeremy não conseguia ver o seu pretendente, que permanecia sob a ombreira da porta.

Com um sorriso malicioso, Betsy abriu os braços.

— Aqui temos a mesa de bilhar do meu pai, acabada de chegar de Paris. Corpo em noqueira e motivos em bronze, representando

o escudo de Lindow, repetidos oito vezes. A minha madrastra repreendeu o meu pai pela extravagante ornamentação, mas Sua Graça apreciava ornamentos.

O cavalheiro riu-se e entrou na zona iluminada.

— A mesa é linda, mas não tanto como a mulher ao seu lado.

Jeremy suspirou. O seu velho colega de escola devia ter vergonha de um elogio tão desajeitado.

Provavelmente concordando com ele, Betsy ignorou-o.

— Eu gostava muito da nossa mesa de bilhar antiga, mas esta é mais apropriada para um castelo.

— A menina joga bilhar? — Parecia mais surpreendido do que crítico, o que era um bom augúrio para a futura relação.

— Desde sempre — respondeu Betsy. — Os meus irmãos passavam aqui muito do seu tempo. Eu punha-me em cima de uma caixa para ver o jogo. A mesa parecia um oceano verde.

— Falei com o seu pai, Lady Boadicea, e ele concordou que eu lhe pedisse a honra da sua mão em casamento.

Aquilo era fantástico. Jeremy assistia a um pedido de casamento na fila da frente e podia passar semanas a troçar de Betsy por causa disso.

O pretendente dela não se ajoelhou.

Thaddeus nunca se ajoelharia.

O homem que neste momento pedia Betsy em casamento era Thaddeus Erskine Shaw, Visconde de Greywick.

Duque de um maldito sítio qualquer, um dia.

Algo golpeou fundo no peito de Jeremy e ele semicerrou os olhos. *Oh, raios, não!* Não lhe agradava aquela emoção, fosse ela qual fosse.

Não a aceitaria.

Sua Graça Betsy, a Duquesa.

Soava bem.

Capítulo 3

— **L**orde Greywick, a honra é minha — disse Betsy, permitindo que a sua mão enluvada repousasse sobre a dele.

— Isso soa ao prefácio de uma recusa — respondeu o visconde, provando ser mais observador do que a maioria dos seus pretendentes, que geralmente se mostravam perplexos, parecendo nunca ter considerado a possibilidade de rejeição.

Afinal, eles tinham sopesado o comportamento escandaloso da sua mãe e a sua possível ilegitimidade, comparando-o com a sua beleza, dote e excelentes maneiras. Como homens, julgavam-se prescientes, até liberais, pelo mero facto de pedirem a sua mão. Achavam que ela tinha sorte por receber uma proposta.

Não conseguiam acreditar quando ela recusava.

Ela fez uma breve pausa, considerando aquela decisão em particular. O Visconde de Greywick era alto e muito bonito, com olhos cor de avelã e maçãs do rosto herdadas diretamente de um antepassado nobre.

O pai gostava dele.

Os irmãos gostavam dele.

A tia Knowe confiava nele. Acenara com a mão, mandando Betsy sozinha com ele sem a menor preocupação. Na verdade, visto tê-los mandado para a sala de bilhar sem acompanhante, provavelmente queria que Betsy casasse com ele.

Pondo a aprovação da família de lado, o visconde não tinha necessidade de casar com ela devido ao seu dote nem ao seu estatuto, por isso, provavelmente, desejava-a. Não era propriamente lascivo, mas os seus olhos eram calorosos e apreciadores.

Betsy tentou sentir-se empolgada com isso, mas simplesmente não foi capaz.

— É, de facto, uma recusa — disse ela, retirando a mão. — Lamento dizer que não serviríamos um para o outro, meu senhor. A minha resposta é não.

— Porquê?

Aquela pergunta desconcertou-a. Ninguém tinha nada de mal a dizer acerca do Visconde de Greywick. Ele era, decididamente, o solteiro mais cobiçado de Londres, e também o mais esquivo. Ela nem sequer tentara atraí-lo e, contudo, ali estava ele.

O que podia dizer?

O senhor é um modelo de excelência, mas eu tenho um fraquinho por velhacos?

Ou, pior: *Estou tão entediada neste momento.*

— Nós não nos conhecemos — respondeu, percebendo, assim que as palavras lhe saíram dos lábios, que o seu argumento era fraco. Acabava de lhe dar uma oportunidade para ele lhe falar de si ou, pior, sugerir que passassem tempo juntos.

— Há outra pessoa? — perguntou o visconde. — Porque, se não houver, e com a sua permissão, gostaria de tentar persuadi-la do contrário.

Os convidados do casamento sabiam que ela deixara o salão de baile com um futuro duque. Lorde Greywick era um exemplo

de integridade. Nunca ficaria sozinho com uma jovem senhora a não ser que tivesse permissão para a pedir em casamento.

A alta sociedade ficaria surpreendida quando soubesse que ela o recusara, mas não duvidaria de que o pedido fora feito.

A batalha estava terminada.

Vencida. Acabada.

Uma voz baixa e rouca respondeu antes dela.

— Devia aceitar.

Betsy quase soltou um palavrão, que teria chocado o seu pretendente. Ao invés, gritou:

— Por amor de Deus! Eu devia ter adivinhado que estava escondido aqui.

Virou-se de lado para poder ver em torno dos ombros de Greywick. Claro, a tormenta da sua vida olhava-a ansiosamente de um canto da sala.

— Não estou escondido — protestou Jeremy Roden, conseguindo parecer relativamente sóbrio e, o que era ainda mais surpreendente, quase convincente. — Voltando ao que é importante, o Greywick é um bom homem, e era o mais inteligente de todos, em Eton. Isso inclui os seus irmãos, já agora. Não me inclui a mim, pois eu insiro-me noutra categoria.

O visconde, que se virara para ele, riu-se.

— Garanto-lhe que nós também o púnhamos numa categoria diferente, Lorde Jeremy.

— Na categoria dos inúteis? — sugeriu Betsy. — Ou talvez o Lorde Jeremy já tivesse o rabo encharcado em álcool nessa tenra idade...

— *Tsk, tsk* — censurou Jeremy, com uma expressão que conseguia sempre irritá-la. — As senhoras decentes não usam palavras como «rabo». Tenho a certeza de que os anjos também não, e permita-me recordar-lhe que neste momento está a usar um halo.

O que a enfurecia era que tudo nela ganhava vida no momento em que Jeremy Roden lhe lançava uma das suas provocações. Ele era um homem ébrio e perturbado e, no entanto, ela...

O visconde interveio antes de lhe ocorrer uma resposta apropriadamente mordaz.

— Julguei tê-lo visto do outro lado do salão de baile, Lorde Jeremy. Fiquei contente por saber que tinha voltado do Exército são e salvo.

Talvez Greywick não tivesse ideia do que Jeremy sofrera em batalha, embora ela também não soubesse, propriamente. Mas o visconde estava prestes a dizer uma das banalidades que fazia a escuridão cobrir o rosto de Jeremy como uma tempestade sobre o oceano.

— Espanta-me que tenha perdido o espetáculo quando o Lorde Jeremy desapareceu e deixou a pobre menina Peters sozinha no extremo do salão de baile — disse Betsy.

Os olhos negros de Jeremy moveram-se para o rosto dela e, para seu alívio, a exasperação suavizou a outra expressão, fosse ela qual fosse.

Bem, exasperação ou, talvez, puro despreço. Ela deixou que o seu sorriso se abrisse, só para o irritar ainda mais. Decidira semanas antes que ele era melhor irritado do que desesperado, e, felizmente para Jeremy Roden, ao ter crescido com tantos irmãos, ela tinha jeito para irritar os homens.

O seu irmão adotado, Parth, fora o primeiro a pôr-lhe um sapo debaixo dos cobertores, provavelmente em conluio com Alaric. Da segunda vez fora definitivamente Alaric, embora North também não estivesse inocente.

A tia Knowe ajudara-a a arranjar girinos lamacentos que, misteriosamente, apareciam nas camas deles.

— O meu halo deixou-me ficar mal — disse Jeremy, sem qualquer ressentimento na voz. — Para não atingir a cara da menina

Peters com a prova da minha santidade, tive de sair do baile. Ela não se queixou. Acho que não estava a gostar que eu estivesse sempre a virar para o lado errado.

Betsy teve de admitir que o visconde possuía uma gargalhada interessante.

— Todas aquelas horas com um professor de dança não deram em nada? — perguntou o visconde, virando-se para Betsy. — No nosso tempo, os professores de Eton acreditavam que dançar era um talento fundamental, apesar de nós estarmos muito mais interessados na esgrima.

Jeremy Roden tinha ombros largos, que as senhoras comentavam por entre risinhos no salão feminino. Desde que lhes prestasse atenção, pouco lhes interessava para onde ele virava no recinto de dança.

— As lições não surtiram efeito — respondeu Jeremy com indiferença.

— Ele é uma desgraça para os vossos professores — disse Betsy ao visconde. — Parece uma vaca a caminhar no gelo.

Como era seu hábito, Jeremy limitou-se a encolher os ombros, fazendo o halo, que agora repousava sobre um ombro, brilhar nas sombras. Era enfurecedor perceber que a sua pulsação acelerava devido à forma como a luz fraca incidia nas maçãs do rosto dele. O seu cabelo preto tinha um toque de prata, apesar de ele não poder ser mais velho do que North, visto terem estado juntos em Eton.

Irritada, obrigou-se a rir.

— A tia Knowe viu o que aconteceu ao seu toucado, Lorde Jeremy, e declarou-o um anjo caído. «Caído» pode não ser o termo correto. Talvez «Murcho»? «Frouxo»? — Parou por um momento e depois disse: — Ou será que o termo que procuro é... «flácido»? — Trocou o sorriso por um falso ar de inocência.

Era divertidíssimo fazer uma brincadeira diante de um dos seus pretendentes. Parecia sentir-se livre para ser ela própria pela primeira vez num ano.

Jeremy tirou o halo e examinou a forma como este se dobrava, como uma flor a precisar de água. Depois atirou-o para o lado.

— Se quer que o Greywick, ou qualquer outro cavalheiro, case consigo, terá de se esforçar mais por se comportar como uma senhora.

Se o visconde tinha ficado incomodado com a sua piada brejeira, tanto melhor. Obviamente, ele queria uma senhora exemplar para ser a sua duquesa, visto ser tão perfeito.

Ela não era essa mulher.

Para sua surpresa, Greywick sorria.

— Considero Lady Boadicea uma senhora perfeita.

Hum.

O homem que ela via como alguém tão solene como um juiz aparentemente não se ofendera com o seu jogo de palavras.

— Retiro o que disse — declarou Jeremy, com os olhos semi-cerrados. — Não deve casar-se com esse puritano inútil.

— Não sou puritano — ripostou o visconde. — O senhor devia estar a fazer o papel de um dos meus mais antigos colegas de escola e ajudar-me a lutar pela minha causa. A não ser que pretenda a senhora em questão para si próprio...

A pergunta ficou suspensa no ar tanto tempo que Betsy sus-
teve a respiração.

Então, Jeremy Roden riu desdenhosamente.

Sim, riu com desdém.

E emborcou a garrafa de whisky que segurava, como se a sua reação não fosse já suficientemente humilhante.

Capítulo 4

Jeremy pensou rapidamente enquanto o licor lhe queimava as entranhas. Tinha de inventar uma razão para não se casar com Betsy que não fosse demasiado insultuosa.

Esta noite ela estava toda vestida de branco, o que não era invulgar para uma jovem. Naturalmente, o halo dela não pendia para o lado: erguia-se do topo da sua peruca, perfeitamente posicionado para anunciar a sua virtude.

Com halo ou sem halo, Betsy estava longe de ser angélica.

Um diabinho tempestuoso, opinativo e sedutor, talvez.

Ele não queria casar com ela, nem com qualquer outra mulher. Mal conseguia dar conta da sua própria vida. De facto, era bastante evidente que não conseguia gerir a sua própria vida, já que ainda vivia no castelo de Lindow, e não na sua própria casa.

— Eu nunca casaria com alguém que se chamasse Betsy — disse, baixando a garrafa. — Toda a gente sabe que uma Betsy tem de ser uma menina adorável, que colhe rosas, adora gatinhos e escrevinha notas de amor no seu diário. A disposição doce e modesta da Lady Betsy seria desperdiçada num energúmeno como eu.

— Não há mal nenhum em relação aos gatinhos — interveio Greywick.

O seu tom indicava que não só achava Betsy encantadora — o palerma — como lhe encheria a sua casa de felinos se ela o desejasse. O homem estava seduzido.

Não, essa não era a palavra correta.

Deslumbrado.

Fascinado. Era um pouco surpreendente, dado Greywick ser tão inteligente. Porém, Betsy tinha eficientemente enfeitado todos os cavalheiros solteiros de visita ao castelo desde que Jeremy chegara, no início de setembro.

Inteligentes ou não, pareciam não conseguir evitar cair sob o feitiço dos seus sorrisos melosos e dos seus olhos azuis. Aos olhos cínicos de Jeremy, isto provava que a humanidade era infinitamente otimista.

Que mulher era tão simples como aparentava?

Sobretudo uma que se parecesse tanto com uma jovem decente. A perfeição era sempre uma máscara.

— Para esclarecer o meu argumento — disse Jeremy a Greywick —, com gatinhos ou sem eles, não sou seu concorrente. Não sou homem para casar, além de que um simples marquês nunca teria precedência sobre um duque.

— Um título não determina com quem uma senhora casa — retorquiu Betsy com azedume. — Pode parecer-lhe estranho, mas há inúmeras razões pelas quais uma senhora escolheria outro homem e não a si.

Um homem menos observador poderia ser bastante tolo para acreditar no retrato encantador que Betsy oferecia neste momento: lábios e bochechas rosados, um queixo suavemente pontiagudo, grandes olhos azuis que escureciam quando estava pensativa.

Parecia angelical.

Mais ou menos... Só se se ignorasse a independência que o seu olhar transmitia, e incredivelmente a maioria dos homens parecia ignorá-la.

— Então, já respondeu ao Greywick? — perguntou Jeremy, ignorando o comentário dela. Considerando as mulheres que tinham tentado seduzi-lo ou comprometê-lo só na última semana, Jeremy não teria qualquer dificuldade em desposar alguém... se estivesse para aí inclinado. — Acho que devia aceitar. Tenho-a visto trucidar inúmeros pretendentes nos últimos dois meses, e ele é o melhor do grupo.

Jeremy conseguia ler a resposta nos olhos dela.

Pobre Greywick. Ser rotundamente rejeitado era, sem dúvida, uma experiência nova.

— Já está no castelo de Lindow há muito tempo? — perguntou Greywick, parecendo de certa forma desagradado. Aparentemente, não acreditava muito que Jeremy não estivesse inclinado a cortejar aquela filha de um duque... ou qualquer filha de um duque.

Betsy interveio.

— O Lorde Jeremy tem estado a ajudar o meu irmão North a ampliar os seus estábulos.

Era simpático da parte dela não lhe dizer a verdade.

Claro que ela não sabia toda a verdade.

Uma noite, ele partira para se encontrar com Parth em Vauxhall Gardens e deparara-se com alguns idiotas a largarem fogos de artifício, cujo som era notavelmente parecido com o de canhões. Não teve consciência de mais nada até acordar em casa de Parth — perdera a memória de uma semana inteira.

Ainda não conseguira ultrapassar isso.

Greywick assentiu.

— Sempre foi muito bom com os cavalos. Lembro-me da égua negra que levou para a universidade.

— A *Dolly* — disse Jeremy, a sua boca cedendo a um esboço de sorriso.

— Ainda a tem?

— Eu... não — respondeu, tentando afastar a memória do que acontecera a *Dolly*. Apesar do seu coração de leão, não se conseguira salvar no campo de batalha, e ele não pudera ajudá-la.

Greywick não estava interessado no destino de *Dolly*. E porque estaria? Apenas tinha olhos para Betsy. Sem dúvida que ela representava bem o papel de uma duquesa dócil.

Contudo, era feroz como os irmãos — e também um pouco louca, como todos os Wildes. Deus era testemunha de que, quando ele e North haviam estado juntos em batalha, North fora muitas vezes um guerreiro empedernido.

Lembrou-se de uma ocasião em que North se atirara de um penhasco e nadara no rio até ao *HMS Vulture* para os avisar... Contudo, esta linha de pensamento conduzia às trevas, e Jeremy esforçou-se por interrompê-la e devolver a sua atenção à farsa que se desenrolava diante de si.

Betsy viu a desolação perpassar os olhos de Jeremy à menção da sua égua e concluiu que conversar com um velho amigo não era bom para ele.

— Agora que esclarecemos o desinteresse do Lorde Jeremy pelo casamento — disse ela —, talvez fosse melhor voltarmos ao salão de baile, Lorde Greywick.

Dirigiu ao seu pretendente um sorriso feliz, enfatizando que não se importava nada que Jeremy Roden fosse tão veementemente rude acerca da possibilidade de casar com ela.

Claro que ela não queria um pedido de casamento de Jeremy Roden.

Mas ele tinha mesmo de tornar tão óbvio o que pensava dela?

Gatinhos? Notas de amor? Ela nem sequer tinha um diário. Desde os 14 anos, nunca se permitira ter paixonetas como as outras

raparigas. Metade da sua classe no seminário desmaiava à simples menção do seu irmão mais velho, Alaric. Colecionavam gravuras em que ele, supostamente, empreendia explorações heroicas.

Eram as únicas gravuras que Betsy também comprava. A atenção a qualquer homem que não fosse seu familiar seria interpretada como interesse erótico. Os vestidos dela eram um pouco mais modestos do que a moda exigia: as suas mãos estavam sempre enluvadas, os tornozelos cobertos, os lábios sem cor. Ninguém podia acusá-la de exibir os seus recursos, com os seios tapados por um corpete, e talvez um xaile de renda para ajudar. As matronas altivas procuravam em vão qualquer sinal da fraqueza da sua mãe: Betsy não os tinha.

— Não é que eu esteja propriamente desinteressado do casamento — disse Jeremy.

— Devo corrigir-me — retorquiu ela. — Esqueci-me de dizer que não está interessado numa mulher que tenha o arrojo de se chamar Betsy ou de ter um gatinho.

— Uma excelente demonstração de afronta — disse Jeremy, apreciador. — Discurso bem elaborado. Ela dará uma duquesa perfeita, Greywick. Polida até ao limite. Sem se deixar tentar por um excelente espécimen físico como eu.

Betsy semicerrou os olhos. Estaria ele, subtilmente, a referir-se à sua mãe? Era do conhecimento geral que Yvette elogiara as coxas musculosas do seu prussiano.

Não.

Lorde Jeremy Roden era desagradável, mas não era vil. Quando muito, era demasiado frontal. Os seus insultos eram ditos de forma que todos ouvissem.

— Felizmente, tenho consolo nestes tempos de mágoa — disse Jeremy, acenando com a garrafa, com um sorriso estovado.

— Não imagina como estou devastada por sabê-lo casado com uma garrafa de whisky — retorquiu Betsy. — Sempre planeei

casar com um homem com um apêndice flácido. — Virou-se para Greywick. — Voltamos para o salão de baile, meu senhor?

— Ainda não, porque vocês deviam estar a conhecer-se — disse Jeremy. — Eu, um sortudo imprestável, conheço-vos a ambos, por isso posso fazer de casamenteiro. Atestar o facto de que fazem um casal maravilhoso. Mesmo maravilhoso. — Deteve-se e bebeu um gole de whisky. O cheiro inundou a sala, feroz e quente, o mais diferente possível do perfume de pétalas de rosa que ela usava. Ficava-lhe bem: o whisky era áspero, arrojado e verdadeiro.

— Lady Boadicea — disse o visconde, estendendo o braço.

— Oh, por amor de Deus, chame-lhe Betsy — retorquiu Jeremy antes de ela poder responder. — Ela gosta, apesar de a fazer parecer uma leiteira. O que não é. Neste momento, não consigo recordar-me das suas virtudes, por isso começo por si, Greywick. *Thaddeus*, visto que nos tratávamos pelo primeiro nome em crianças.

Jeremy apontou com um dedo na direção deles, e até se endireitou na cadeira, como se a sua opinião tivesse alguma importância. Betsy mal conseguia controlar o desejo de lhe atirar uma bola de bilhar à cabeça arrogante.

Em vez disso, aproximou-se de Greywick e pôs-lhe uma mão no braço.

— Thaddeus? Gosto desse nome. — Só não ronronou porque um Wilde nunca é óbvio. Mas lançou-lhe um olhar sedutor que nem o diabo no seu recanto obteria um dia dela.

— O meu nome é, de facto, Thaddeus — respondeu o visconde. — Sentir-me-ia muito honrado se me chamasse por ele.

Ele era um bocado rígido, mas, por outro lado, tinha pestanas maravilhosamente espessas, o que era positivo. Não havia nada menos atraente do que pestanas curtas e cor de areia. Era o problema com que se deparava sempre nos homens louros que

a cortejavam. Os cabelos podiam ser maravilhosos, mas os olhos tinham uma expressão nua.

Mas não Thaddeus. As suas pestanas eram espessas e negras como amoras.

— Onde está o seu halo? — perguntou Betsy, abrindo um sorriso verdadeiro. — Não me diga que o deitou fora, como este depravado. A minha tia adorou a ironia de transformar convidados em anjos.

Um dos cantos da boca dele voltou a curvar-se. Era uma característica muito atraente que ele tinha: sorrir só com um lado da boca.

— Educaram-me para pensar que as honras não devem ser exibidas se não forem conquistadas.

— Que bem — ressoou uma voz.

— Ele vai conquistá-las, Betsola, não se preocupe com isso. O homem tem um cantinho do céu bem guardado para ele. Reservado. Herdado, na verdade.

— *Betsola?* — repetiu Betsy. — Não, não se incomode a explicar. Thaddeus, voltamos para o salão de baile? A minha tia deve estar a perguntar-se onde estou.

— Duvido — ripostou o diabo de olhos negros, no canto. — Acredito que a Lady Knowe deve estar a contar os minutos, esperando que a Betsy esteja a comportar-se impropriamente, se não pior. Vai casá-la antes da Páscoa. Talvez antes do Natal, se pensar que aqui o Thaddeus é tão despachado como os seus sobrinhos. Se ela não tiver cuidado, a próxima geração de Wildes nascerá toda daqui a seis ou sete meses.

— A minha tia não está a contar minutos nem meses — retorquiu Betsy, olhando-o com censura. — Está a ser muito ofensivo, Lorde Jeremy.

No entanto, tinha de concordar com ele acerca da chegada dos seus sobrinhos.

«Um romance de época extremamente bem escrito,
com protagonistas realistas e diálogos espirituosos e divertidos.»

LIBRARY JOURNAL



Lady Betsy Wilde é a filha mais velha do Duque de Lindow. A sua mãe, a segunda mulher do duque, fugiu com um conde prussiano quando Betsy era bebé. Para afastar a má reputação que herdou da mãe, Betsy reprime os seus impulsos mais selvagens e apresenta uma imagem recatada e perfeitamente polida durante a sua primeira temporada social. Desempenha o papel com tanto sucesso que atrai dezenas de pretendentes, recebendo uma proposta de casamento de um duque com uma excelente reputação. Mas, antes de casar, Betsy anseia por uma última aventura.

Nenhum cavalheiro concordaria com o seu plano escandaloso, mas Lorde Jeremy Roden não é um cavalheiro. É um libertino sarcástico e pecaminoso. Ambos decidem fazer uma aposta. Se Betsy ganhar um jogo de bilhar, ele levá-la-á numa viagem ousada por Londres, onde ela poderá desfrutar de alguns privilégios apenas reservados aos homens. Mas, se ele ganhar, ela será dele por uma noite, sem reservas. O que acontecerá se Jeremy perceber que uma noite não será suficiente?




«Uma história vigorosa com personagens cativantes e memoráveis.»

KIRKUS REVIEWS

**DEIXE-SE
APAIXONAR:**



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-253-3  9 789895 642533 Ficção Romântica
--	--